

O conto moderno e seus suportes no Brasil: Machado de Assis, os jornais e os livros

Juliana Gama de Brito Assumpção (UERJ)ⁱ

RESUMO

O objetivo deste artigo é levantar reflexões acerca das contribuições de Machado de Assis para o desenvolvimento do conto moderno na literatura brasileira com foco na relação existente entre os materiais literários e seus suportes impressos: o jornal e o livro. Para tanto, opera-se uma articulação entre a ideia de conto – teorizada por Edgar Allan Poe – o desenvolvimento do gênero nos jornais oitocentistas, e a modernização da imprensa periódica no mesmo período histórico. Na sequência, discute-se a atuação de Machado de Assis como contista no Brasil do século dezenove, entre os jornais e os livros de contos, considerando os impactos da modernização da imprensa na literatura. Com isso, abrem-se caminhos fecundos a novas discussões acerca da relação imbricada entre textos e suportes literários, especialmente na literatura brasileira oitocentista.

Palavras-chave: Machado de Assis contista; conto moderno; mídias impressas; jornais; livros.

ABSTRACT

The aim of this article is to reflect on Machado de Assis contributions to the development of the modern short story in Brazilian literature, focusing on the connections between literary forms and their media: journals and books. For that, first, we propose an articulation between the short story – theorized by Edgar Allan Poe – the development of the genre in the nineteenth-century journal press; and the modernization of the periodical press in the same historical period. Next, Machado de Assis performance as a short-story writer in nineteenth-century Brazil, among newspapers and short story books is discussed, considering the influences of the modernization of printing on literature. Thus, fruitful paths are opened for new discussions on the intertwined relationship between literary texts and their media, especially in 19th century Brazilian literature.

Keywords: short story writer Machado de Assis; modern short story; printed media; periodicals; books.

ⁱ Mestra em Literatura brasileira (UERJ) e doutoranda em Literatura brasileira (UERJ). Bolsista CAPES. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5133-5375> | E-mail: assumpcao.jg@gmail.com

INTRODUÇÃO

Em 2021, junto à professora Andréa Werkema e a mais sete colegas da pós-graduação, pude realizar um agradável passeio pelo vasto universo dos contos machadianos. Durante as aulas de um curso intitulado “O conto de Machado de Assis: estabilização de um gênero no Brasil”, ministrado por Werkema pelo Programa de Pós-graduação em Letras ao qual nos vinculamos, estudamos e discutimos as narrativas curtas de Machado de Assis presentes nas sete coletâneas de contos que o autor publicou em vida, além de debater alguns de seus contos “avulsos”, publicados na imprensa periódica de seu tempo, a partir de uma questão colocada pela professora, desde o primeiro de nossos encontros, ao transformar em pergunta o nome do curso: “O conto de Machado de Assis: estabilização de um gênero no Brasil?”

Uma interrogação valiosa ao que seria pensado nas aulas seguintes, visto que por um lado, a intensa atuação de Machado de Assis na produção de narrativas curtas para as folhas da imprensa periódica de seu tempo, assim como na organização de coletâneas de contos publicadas em livros, permite a percepção de que, de fato, a estabilização do gênero conto em nossa literatura deve-se em grande medida à pena desse escritor. Por outro lado, levando-se em conta a grande variedade formal das próprias narrativas de Machado que analisamos no curso, bem como o que o autor registrou nas “advertências” com as quais apresenta seus livros de contos, os contornos do gênero, largamente explorado pelo escritor de certa maneira se afrouxam, ou para usar a expressão empregada por Werkema (2021), “desestabilizam-se”.

“Estabilização” e “desestabilização” de um gênero literário no Brasil: nessa espécie de duplo processo se estende a avenida analítica pela qual caminhamos no curso, a refletir sobre o conto de Machado de Assis sem a pretensão de esgotar a discussão. Ao fim da caminhada — permeada de estudos acerca dos fundamentos teóricos do gênero conto; sobre o entrelaçamento do gênero, em seu surgimento no Brasil, aos papéis da imprensa periódica oitocentista; e sobre a ficção machadiana de um modo mais amplo — pudemos verificar o que a professora propôs no princípio: se, de fato, Machado de Assis estabilizou a forma que o conto assumiria na literatura brasileira, ele o fez por meio de uma profunda problematização nos fundamentos

estruturais desse gênero, o que por si só, abre estradas fecundas para novas discussões em nosso campo de estudos.

Numa dessas estradas, este artigo se insere, particularmente, no que diz respeito à meada. Agora, tomemos o fio: no presente trabalho, tenho como objetivo levantar reflexões acerca das contribuições de Machado de Assis para o desenvolvimento do conto moderno no âmbito da literatura brasileira, com foco na relação existente entre os materiais literários e seus suportes — o jornal e o livro.

No que se reconhece como a sua forma moderna, o conto é compreendido em nosso campo de estudos como um gênero de ficção em prosa de curta extensão, identificado, sobretudo, desde as definições de Edgar Allan Poe (2004), pela valorização do “efeito de leitura”, e se difundiu, no contexto ocidental, em meio aos papéis dos jornais e periódicos. Desse modo, buscarei articular preliminarmente a ideia de conto, teorizada no século dezenove por Poe, o desenvolvimento do gênero nos jornais oitocentistas, e o processo de modernização da imprensa periódica que se deu no mesmo período histórico.

A seguir, será discutida a atuação de Machado de Assis como contista no Brasil do século dezenove, entre os jornais oitocentistas e os livros de contos. Para tanto, primeiramente serão analisadas duas crônicas escritas por Machado de Assis em sua juventude, “O jornal e o livro” e “A reforma pelo jornal”, com foco na maneira como o autor considera a relação existente entre os textos e seus suportes, e associa à noção de “discussão” o potencial transformador da “imprensa-jornal” sobre os materiais literários. Na sequência, comentarei sobre a atuação de Machado enquanto contista. Nesse ponto, pelo prisma da articulação já proposta — entre as definições de Edgar Allan Poe sobre o conto, o desenvolvimento do gênero e a modernização da imprensa periódica, também percebida pelo próprio Machado nas crônicas anteriormente analisadas — serão lidas algumas das raras passagens de que se tem registro, em que o escritor brasileiro comenta explicitamente sobre o gênero conto, presentes em seu célebre ensaio de 1873, “Notícia da atual literatura brasileira – Instinto de Nacionalidade”, e nas “advertências” com as quais Machado de Assis prefacia suas coletâneas de contos.

Ao assumir como fio condutor do trabalho a articulação entre a definição de conto pensada por Poe, o desenvolvimento do gênero e os suportes pelos quais tal

desdobramento ocorreu, não tenho a pretensão de resolver o assunto, que é bastante complexo em todas as suas nuances; em vez disso, por meio da articulação referida, espero abrir caminhos fecundos à discussão sobre a maneira como o conto moderno se consolidou como um gênero de ficção, especialmente no Brasil oitocentista. Afinal, se levarmos em conta a materialidade dos suportes em nossas reflexões sobre o gênero conto, sobretudo no que diz respeito à (re)configuração do público de literatura no século dezenove, no contexto ocidental e no Brasil em particular, acredito que tanto as ideias de Poe sobre o conto quanto sua inserção na literatura brasileira ganhem um corpo mais vivo.

O CONTO MODERNO E A UNIDADE DE EFEITO

Nos estudos literários, muitas pesquisas voltadas ao conto, sob o ponto de vista teórico, sugerem que a fixação de um conceito universalizante acerca do gênero seria uma tarefa difícil ou mesmo impossível. É o caso, por exemplo, dos respectivos trabalhos de Guimarães e Camilo (2020), Bellin (2011), Gotlib (1998) e Lima Sobrinho (1960), entre outros autores. Em linhas largas, tal dificuldade é justificada, nessas pesquisas, pela imprecisão dos contornos do conto, como uma forma de narração breve em prosa cujas origens se encontram em “fábulas”, “causos” e “anedotas” da tradição oral; pelo problema da terminologia, como se verifica nos termos do inglês “*tale*” e “*short story*”; e pela insuficiência da extensão da narrativa como critério determinante à sua especificidade.

No entanto, ao situarem as considerações sobre o gênero no que se reconhece como a sua “forma moderna”, frequentemente as referidas pesquisas tomam partida nas ideias de Edgar Allan Poe em *Review of Twice-Told Tales* — série de resenhas críticas do escritor estadunidense sobre uma coletânea de contos de Nathaniel Hawthorne. Nessas resenhas, publicadas originalmente entre 1842 e 1847 em uma revista literária dos Estados Unidos, Poe parte de sua crítica à obra de Hawthorne para propor uma base teórica ao conto: sua teoria da unidade de efeito.

Fundamental à concepção moderna do gênero, como demonstra a pesquisadora Greicy Bellin (2011), a teoria de Poe acompanha uma defesa da “superioridade do conto” em relação ao romance e à poesia; e parte de um movimento de valorização da

impressão de leitura, ou seja, do efeito que o texto literário exerce sobre o leitor — “impressão” que, no conto, de acordo com Poe (2004), se deve marcar pela “unidade de efeito”.

Nesse sentido, na elaboração de um conto, para Poe, o escritor deve agir como um “artista literário habilidoso” e altamente consciente sobre o próprio ofício, que “depois de conceber com cuidado deliberado a elaboração de um certo efeito único e singular, cria os incidentes [da narrativa], combinando os eventos de modo que possam melhor ajudá-lo a estabelecer o efeito anteriormente concebido” (POE, 2004, p. 4).

Assim, ainda com Poe, para que um conto seja bem-sucedido, isto é, para que exerça sobre o leitor o “efeito único e singular” pretendido pelo contista, sem perder a força da “totalidade” na impressão de leitura, o texto deve ser construído de modo que não haja “sequer uma palavra escrita cuja tendência, direta ou indireta, não leve àquele único plano pré-estabelecido [pelo escritor]”; e de forma a exigir “de meia hora até uma ou duas horas de leitura atenta”, a fim de que possa ser lida “numa assentada” — pois “os interesses do mundo que intervêm durante as pausas da leitura modificam, desviam, anulam, em maior ou menor grau, as impressões do livro” (POE, 2004, p. 4).

Em suma, sob o ponto de vista teórico, aí estão os pilares do gênero conto em sua forma moderna, segundo Edgar Allan Poe: a valorização do efeito da narrativa sobre o leitor, efeito que deve ser “único e singular”; a brevidade da forma e seu direcionamento à produção daquele efeito, “desde a primeira frase” — de que se obtém a noção de “totalidade”, espécie de coerência interna entre cada palavra empregada no texto. Esses pilares, teorizados pelo escritor estadunidense em meados do século dezenove, posteriormente teriam eco em tantos outros contistas da literatura ocidental.

É o caso, para citar um exemplo, do argentino Julio Cortázar, em cuja metáfora do “*knock out*” — utilizada em um de seus ensaios, no século vinte, para ilustrar os efeitos de leitura de um conto, em comparação com os efeitos de um romance sobre o leitor — percebem-se ressonâncias da “unidade de efeito” de Poe: “no combate que se trava entre um texto apaixonante e o leitor, o romance ganha sempre por pontos, enquanto o conto deve ganhar por *knock-out*” (CORTÁZAR, 2011, p. 152).

Em outro ensaio, aliás, ao comentar diretamente sobre Edgar Allan Poe, além de definir o conto como “uma verdadeira máquina literária de criar interesse” cuja eficácia “depende de sua intensidade como acontecimento puro”, e cujas diferenças em relação

ao romance não seriam apenas uma questão de extensão (CORTÁZAR, 2011, p. 122), Cortázar afirma que Poe teria sido “o primeiro a aplicar sistematicamente [...] este critério, que no fundo é *critério de economia*, de estrutura funcional” da narrativa contística, neste gênero em que todo rodeio é desnecessário sempre que não seja um falso rodeio, ou seja, uma aparente digressão por meio da qual o contista nos agarra desde a primeira frase e nos predispõe para recebermos *em cheio* o impacto do acontecimento” (CORTÁZAR, 2011, p. 124, grifos meus).

Com tal “economia”, na estrutura do conto, cada palavra é contada e deve ser direcionada cuidadosamente a um único fim: impactar “em cheio” o leitor, ganhar num único golpe “a esse extremo mais passivo e menos vigilante e, muitas vezes, até indiferente, que chamamos leitor” (CORTÁZAR, 2011, p. 157) — o qual, por sua vez, deve ser “agarrado” pelo contista “desde a primeira frase”. Afinal, como já nos informara Edgar Allan Poe sobre o conto: “durante a hora de leitura, a alma do leitor está nas mãos do escritor” (POE, 2004, p. 4).

Neste ponto, poderíamos retomar o já citado ensaio de Bellin para destacar, com esta autora, o movimento de racionalização sobre o fazer literário que acompanha o surgimento do conto moderno como um gênero de ficção (BELLIN, 2011, p. 49). Ou poderíamos recorrer ao trabalho de Gotlib, quando esta autora sintetiza a unidade de efeito como uma teoria que “recai no princípio de uma relação entre a extensão do conto e a reação que ele consegue provocar no leitor ou o efeito que a leitura lhe causa”, visto que, neste gênero, o escritor deve alcançar a “máxima intensidade” do efeito pretendido (seja ele qual for) com o “mínimo de meios” (GOTLIB, 1998, p. 19-20).

Contudo, pela economia formal do presente trabalho (para tomar emprestada a expressão de Cortázar), destaco em linhas largas, entre o que já foi exposto, o movimento de valorização do efeito de leitura, presente na ideia de conto de Poe, como uma noção particularmente interessante à aproximação a ser explorada no próximo tópico, entre o conto teorizado por Poe e o desenvolvimento do gênero na imprensa periódica.

O CONTO MODERNO E A IMPRENSA PERIÓDICA

A fim de trazer o periódico para a discussão sobre o desenvolvimento do conto como um gênero de ficção, retorno aos já referidos estudos que se propõem a rastrear o percurso dos materiais literários que deram origem ao conto moderno, com outra abordagem, para observar o que se segue. Nesses estudos, é recorrente que se aproximem, de modo mais ou menos enfático, a consolidação desse gênero e a modernização da imprensa periódica, tanto no nível das condições técnicas e materiais de impressão e distribuição, quanto no da formação de um público-leitor dos impressos.

De forma passageira, tais aproximações podem ser percebidas, por exemplo, em alguns apontamentos de Greicy Bellin naquele mesmo ensaio anteriormente citado, quando a autora comenta sobre o contexto do surgimento do conto como um gênero autônomo nos Estados Unidos. Ao pontuar uma série de condições que teriam favorecido tal aparecimento no referido contexto, Bellin relaciona, entre outros fatores, o “avanço das técnicas de impressão e publicação”, a “melhora dos meios de comunicação” e a ampliação do contingente de leitores (BELLIN, 2011, p. 44).

Mais enfaticamente, as aproximações entre a consolidação do conto moderno e o desenvolvimento da imprensa periódica são exploradas por Lima Sobrinho (1960), em sua introdução à antologia *Os precursores do conto no Brasil*. Para este autor, “a evolução do conto se vincula com a própria história do Romantismo” no Ocidente, atuando como “resposta” a um movimento de transformação social caracterizado pela “valorização do povo e pela formação e ascensão de novas classes”; por outro lado, o periódico foi o grande instrumento pelo qual se expressaram e se consolidaram novas formas e tendências literárias que respondessem a tal movimento, entre as quais localiza-se o conto, rumo à sua forma moderna (LIMA SOBRINHO, 1960, p. 6).

Posto que o periódico, em seus primeiros formatos — localizados por Lima Sobrinho até o século dezoito, nos países europeus — configurava-se como um “instrumento de informação geral, limitado a quatro páginas de formato pequeno”, não havia espaço para a veiculação de textos literários (LIMA SOBRINHO, 1960, p. 7). Desse modo, ainda com Lima Sobrinho, do advento da imprensa periódica até a difusão do conto em suas folhas, foi necessário um longo processo de aperfeiçoamento nas técnicas de impressão (e o seu consequente barateamento), bem como a formação e a ampliação de um público-leitor dos periódicos:

Para que o conto aparecesse, foi preciso que o periódico se desenvolvesse, até *interessar leitores novos*, preocupados com o domínio das letras, ou que se tornasse bastante *próspero*, para ganhar algumas novas páginas de texto, ou aumentar o formato inicial. (LIMA SOBRINHO, 1960, p. 7, grifos meus)

A partir dessas informações, podemos recolocar a ideia de conto teorizada por Poe, com a unidade de efeito, de modo articulado a múltiplos fatores entre si imbricados. Dentre esses fatores, destaco os seguintes: 1) questões de ordem técnica, relacionadas às próprias tecnologias de impressão e distribuição dos periódicos; 2) o fator social, com a (re)configuração de um certo público-leitor; 3) o fator econômico, associado intimamente aos dois anteriores — se levarmos em conta, por um lado, a interdependência existente entre os custos da impressão dos periódicos, suas tecnologias e seu público-leitor que, neste ponto, torna-se o consumidor que viabiliza financeiramente os impressos; ao passo que, por outro lado, o próprio público-leitor se modifica junto às transformações econômicas e tecnológicas; e 4) a questão mais abrangente de como (e a que fins) são produzidos os materiais literários — por sua vez, associada aos três primeiros fatores, uma vez que tanto os informa quanto é informada por eles.

Com tais fatores em vista, sem estabelecer entre eles relações causais lineares a percepção do conto moderno como uma forma de ficção que surge e se desenvolve nas (e com as) folhas da imprensa periódica, em primeiro lugar, evidencia a proximidade existente entre a importância decisiva da unidade de efeito no conto, apontada por Poe; e a necessidade de se constituir, “seduzir” e capturar a atenção de um certo público-leitor (e consumidor), que viabilizasse os periódicos, num cenário reconhecidamente marcado por intensas transformações tecnológicas, sociais, políticas e econômicas, no contexto ocidental. Em outras palavras se, por um lado, o aparecimento do conto nas folhas da imprensa dependeu de que o periódico se desenvolvesse, atraindo novos leitores e tornando-se “bastante próspero”, como vimos com Lima Sobrinho, por outro lado, o modelo de conto informado por Poe parece constituir uma ferramenta eficaz para impulsionar, por sua vez, o desenvolvimento do suporte.

Além disso, ao levarmos em conta os papéis da imprensa nas reflexões sobre o surgimento do conto moderno, também se evidencia o que já anotamos com a ideia de conto teorizada por Poe: em ambos os casos, a concepção ou o desenvolvimento desse gênero literário relaciona-se a um movimento mais amplo, de valorização do efeito de

leitura — que, neste ponto, apresenta-se ainda como uma valorização da maneira pela qual um leitor eventual será afetado pelo texto a ser produzido, impresso e vendido.

Não cabe aqui investigar de modo aprofundado esse movimento de valorização do efeito de leitura, em sua multiplicidade de causas e implicações sociais, ou mesmo literárias, pois uma investigação desse tipo, apesar de relevante, excederia os limites do presente trabalho. Assim, o que desejo frisar com a constatação do referido movimento é principalmente a maneira como, no entendimento do conto como um gênero literário — seja pelo viés teórico de sua concepção, seja pela percepção de seu desenvolvimento nos (e com os) periódicos — a figura do leitor que recebe os efeitos do texto adquire crucial importância.

MACHADO DE ASSIS, O JORNAL E O LIVRO

Se a modernização da imprensa periódica contribuiu para a transformação dos materiais literários no século dezenove, inclusive trazendo o leitor para o centro do processo de criação de textos ficcionais, isso não passou despercebido por Machado de Assis. Como se nota em pelo menos duas de suas crônicas publicadas em 1859, “O jornal e o livro” e “A reforma pelo jornal”, o potencial “revolucionário” do jornal como veículo para as ideias humanas, da literatura à economia, era percebido com bastante entusiasmo pelo escritor brasileiro em sua juventude.

Em 10 e 12 de janeiro de 1859, meses antes de Machado de Assis completar vinte anos de idade, saía “O jornal e o livro” no *Correio Mercantil*. Na crônica de tom crítico/ensaístico, dividida em duas seções, o jovem escritor se propõe a refletir sobre o jornal e o livro como suportes para o pensamento humano, a partir da seguinte questão: “O jornal matará o livro? O livro absorverá o jornal?” (ASSIS, 2011a, p. 46).

Na primeira seção da crônica, a fim de contextualizar a questão que propôs, o autor identifica-se como filho de um século “em cujas veias ferve o licor da esperança”, situado na “época das regenerações” inaugurada pela Revolução Francesa, e vislumbra o jornal como “um sintoma, um exemplo desta regeneração” (ASSIS, 2011a, p. 45). Nesse ponto, após indagar “o que era a Revolução Francesa senão a ideia que se fazia república?”

Machado descreve essa Revolução como “o passo da humanidade para entrar

neste século [dezenove]”; e afirma que, se “a humanidade, antes de tudo, é republicana” (ASSIS, 2011a, p. 45), o jornal seria “a verdadeira república do pensamento [...], a literatura comum, universal, altamente democrática, reproduzida todos os dias, levando em si a frescura das ideias e o fogo das convicções.” (ASSIS, 2011a, p. 48)

Ainda na primeira seção de “O jornal e o livro”, Machado esboça uma espécie de histórico resumido da circulação do pensamento humano em diferentes suportes, considerando que “a humanidade desde os primeiros tempos tem caminhado em busca de um meio de propagar e perpetuar a ideia”. Nesse sentido, o autor elabora uma linha do tempo progressiva, desde a arte rupestre — ou “livros de pedra” em que inicialmente se inscreveriam as ideias humanas. (ASSIS, 2011a, p. 46)

Dos “livros de pedra”, Machado salta à arquitetura, um “gigante” com o qual se buscava “fazer eterna a ideia no monumento”. Como uma arte desenvolvida desde as “formas severas da coluna e da pirâmide” no Egito, “enriquecida pelo gênio da Grécia e de Roma”, para o cronista brasileiro, o apogeu desse “gigante” se encontraria nas catedrais medievais — “epopeias de pedra” nas quais se leria, por séculos, “a influência da Igreja sobre os povos.” (ASSIS, 2011a, p. 46)

Na visão do jovem Machado, se “era preciso um gigante para fazer morrer outro gigante”, apenas com a chegada da imprensa e, mais precisamente, do livro, seria formado o novo sistema de circulação e propagação do pensamento, capaz de substituir o “longo reinado” da arquitetura (ASSIS, 2011a, p. 46-47). Em seus termos:

O que era o livro? Era a fórmula da nova ideia, do novo sistema. O edifício, manifestando uma ideia, não passava de uma coisa local, estreita. O vivo procurava-o para ler a ideia do morto; o livro, pelo contrário, vem trazer à raça existente o pensamento da raça aniquilada. O progresso aqui é evidente. (ASSIS, 2011a, p. 47)

Segundo o cronista, por meio do livro, a imprensa “devoraria” a arquitetura, atraindo para si “todas as vistas e todas as inteligências” (ASSIS, 2011a, p. 47). Contudo, para Machado, por mais que o livro servisse à propagação do pensamento humano de forma mais adequada do que as pedras ou os edifícios arquitetônicos, faltava-lhe ainda um aspecto próprio ao “espírito moderno” — o de “tribuna comum”, ou de “publicidade” — que só seria alcançado quando surgisse o jornal:

O jornal apareceu, trazendo em si o germen de uma revolução. Essa revolução não é só literária, é também social, é econômica, porque é um

movimento da humanidade abalando todas as suas eminências, a reação do espírito humano sobre as fórmulas existentes do mundo literário, do mundo econômico e do mundo social. (ASSIS, 2011a, p. 48)

Nesses termos, para o jovem Machado, com o jornal, se completaria a “emancipação da inteligência e [começaria] a dos povos”, de modo que ao seu século caberia “a glória de ter aperfeiçoado e desenvolvido esta grandiosa epopeia da vida íntima dos povos, sempre palpitante de ideias” (ASSIS, 2011a, p. 48-49). Assim, o autor avança à segunda parte da crônica — reformulando a questão já colocada a princípio: “O livro absorverá o jornal? O jornal devorará o livro?” (ASSIS, 2011a, p. 49)

A começar pela reafirmação de que o livro, ainda que fosse um “sintoma” de um movimento próprio ao “espírito humano”, não estaria tão apto a corresponder às condições desse “espírito” quanto a “imprensa-jornal”, Machado antecipa sua resposta positiva à pergunta proposta: “o jornal é mais que um livro, isto é, está mais nas condições do espírito humano. Nulifica-o como o livro nulificara a página de pedra? *Não repugno admiti-lo.*” (ASSIS, 2011a, p. 49, grifo meu)

Mais à frente, após ter argumentado em defesa da “superioridade do jornal” sobre o livro nos níveis social, literário e econômico, o jovem cronista recupera a comparação com a arquitetura para explicitar sua visão:

Admitindo o aniquilamento do livro pelo jornal, esse aniquilamento não pode ser total. Seria loucura admiti-lo. Destruída a arquitetura, quem evita que a fundação dos monumentos modernos presida este ou aquele axioma d’arte, e que esta ou aquela ordem trace e levante uma coluna, o capitel ou zimbório? Mas o que é real é que a arquitetura não é hoje uma arte influente, e que do clarão com que inundava os tempos e os povos caiu num crepúsculo perpétuo. (ASSIS, 2011a, p. 52)

Então, categoricamente, conclui: “Se argumento assim, se procuro demonstrar a possibilidade do aniquilamento do livro diante do jornal, é porque o jornal é uma expressão, é um sintoma da democracia; e a democracia é o povo, é a humanidade” (ASSIS, 2011a, p. 52-53).

Em relação ao “mundo literário”, o jovem Machado é contundente em sua defesa das vantagens do jornal sobre o livro, afirmando que “uma forma de literatura que se apresenta como uma tribuna universal é o nivelamento das classes sociais, é a democracia prática pela inteligência” (ASSIS, 2011a, p. 50). Junto a isso, um dos pontos que se destacam entre os argumentos levantados pelo autor, em sua defesa da

superioridade do jornal em relação a outros veículos do pensamento humano, diz respeito à noção de “discussão”, particularmente interessante aos fins deste artigo:

[...] o espírito humano tem necessidade de discussão, porque discussão é — movimento. Ora, o livro não se presta a essa necessidade, como o jornal. A discussão pela imprensa-jornal anima-se e toma fogo pela presteza e reprodução diária desta locomoção intelectual. A discussão pelo livro esfria-se pela morosidade, e esfriando decai, porque a discussão vive pelo fogo. (ASSIS, 2011a, p. 49)

Esse ponto seria retomado e aprofundado por Machado de Assis na crônica “A reforma pelo jornal”, publicada n’*O Espelho* em 23 de outubro de 1859. Nesta, mais concisa do que a primeira, o autor inicia com um pequeno resumo das conclusões a que chegou em janeiro do mesmo ano com “O jornal e o livro”, e avança na defesa do jornal como veículo para as ideias humanas — desta vez percebido mais nitidamente como ferramenta de transformação social, justamente, a partir da noção de “discussão”.

Em “A reforma pelo jornal”, valendo-se de referências bíblicas, históricas e literárias para refletir sobre a “palavra” como “origem de todas as reformas”, o cronista propõe que a “palavra”, quando “escrita no livro, é ainda criadora, é ainda prodigiosa, mas é ainda o monólogo; esculpida no jornal, é prodigiosa e criadora, mas *não é o monólogo, é a discussão*” (ASSIS, 2015, p. 1017, grifo meu).

Em oposição ao “monólogo”, Machado define a “discussão” à qual se refere como “a sentença de morte de todo o *status quo*, de todos os falsos princípios dominantes”; que, sendo “a feição mais especial, o cunho mais vivo do jornal, [a discussão] é o que não convém exatamente à organização desigual e sinuosa da sociedade” (ASSIS, 2015, p. 1017-1018). A partir dessa definição, o autor reexamina o jornal como “novo molde do pensamento e do verbo” que — justamente pela capacidade de reproduzir e propagar a “discussão” em “todos os membros do corpo social” — levaria ao “encolho das aristocracias modernas”, constituindo-se como ferramenta de transformação social:

A primeira propriedade do jornal é a reprodução amiudada, é o derramamento fácil em todos os membros do corpo social. Assim, o operário que se retira ao lar, fatigado pelo labor quotidiano, vai lá encontrar ao lado do pão do corpo, aquele pão do espírito, hóstia social da comunhão pública. *A propaganda assim é fácil; a discussão do jornal reproduz-se também naquele espírito rude, com a diferença que vai lá achar o terreno preparado.* A alma torturada da individualidade ínfima recebe, aceita, absorve sem labor, sem obstáculo aquelas impressões, aquela argumentação de princípios, aquela arguição de fatos. Depois uma reflexão, depois um braço que se ergue, um

palácio que se invade, um sistema que cai, um princípio que se levanta, uma reforma que se coroa. (ASSIS, 2015, p. 1018, grifo meu)

Contudo, antes de concluir sua crônica, o jovem Machado constata que, no Brasil de seu tempo, essa “poderosa ferramenta” ainda teria obstáculos a enfrentar: “é verdade que o jornal aqui não está à altura da sua missão [...]. Às vezes leva a exigência até à letra maiúscula de um título de fidalgo”; e chama atenção para o problema da censura das classes dominantes sobre a imprensa periódica: “e se quisessem suprimi-lo? Não seria mau para eles; o fechamento da imprensa, e a supressão da sua liberdade, é a base atual do primeiro trono da Europa” (ASSIS, 2015, p. 1018-1019).

De todo modo, na finalização de seu texto, o autor se mostra otimista em relação à superação dos obstáculos constatados — pois, segundo Machado, os jornais já teriam se desenvolvido o bastante e não seriam facilmente contidos: “os pergaminhos já não são asas de Ícaro. Mudaram as cenas; o talento tem asas próprias para voar; senso bastante para aquilatar as culpas aristocráticas e as probidades cívicas”. Assim, a despeito do problema que constatou quanto à imprensa brasileira do fim dos anos 1850, conclui o jovem cronista: “Há um polo atraente e fases a atravessar. — Cumpre vencer o caminho a todo o custo; no fim há sempre uma tenda para descansar, e uma relva para dormir” (ASSIS, 2015, p. 1018-1019).

Aí está a visão (bastante otimista) de Machado de Assis no final da década de 1850, aos vinte anos de idade, sobre a necessidade de se explorar o potencial transformador do jornal — “literatura quotidiana” na qual “se reflete não a ideia de um homem, mas a ideia popular”; veículo mais apropriado ao “espírito moderno”, em que a “palavra” deixa de ser um “monólogo” para se tornar “discussão” — sobre “as fórmulas [até então] existentes do mundo social, do mundo literário e do mundo econômico” (ASSIS, 2011a, p. 49-50). Olhando em retrospecto, hoje sabemos que, de fato, nas cinco décadas seguintes, esse potencial seria intensamente explorado pelo autor dessas crônicas — que manteria um estreito envolvimento com a imprensa periódica de seu tempo e território até o fim de sua vida, não apenas como ficcionista, mas também como tradutor, cronista, crítico literário e teatral.

No que diz respeito à escrita literária de Machado de Assis, aqui convém anotar que se trata de um escritor cuja carreira iniciou-se nessa mesma década de 1850, justamente nas folhas da imprensa fluminense — nas quais se deu a primeira publicação

de quase todos os contos e romances que o autor posteriormente lançaria como livros; e cuja literatura, de acordo com Lúcia Granja:

Foi forjada nas fôrmas desse novo sistema de escrita que impõe à escrita o ritmo da vida moderna, o da periodicidade; que suscita uma coletivização da escrita; que se manifesta no todo por rubricas, que dão os limites gerais, temáticos e dimensionais do caixilho que ocupam; em que é protagonista a atualidade, último princípio constitutivo do jornal diário, que equivale ao lapso temporal e cultural que compreende o que está acontecendo, o que se passou recentemente e o que se produzirá em breve, fenômeno por meio do qual a temporalidade daquele que escreve corresponde à daquele que recebe. (GRANJA, 2018, p. 20)

Se a imprensa periódica ou, mais precisamente, o jornal, peça central do “novo sistema de escrita” a que Lucia Granja se refere, tanto forjaria a literatura machadiana, quanto seria explorado e mesmo subvertido pelas experimentações do “escritor-jornalista” (GRANJA, 2018, p. 70), isso se torna especialmente evidente quando nos atentamos à elevada consciência (e alta preocupação) de Machado de Assis sobre seu público-leitor, ou sobre a recepção de seus textos literários. Ainda com Lucia Granja, tais consciência e preocupação de Machado com a recepção literária não se refletem apenas na composição de seus textos, mas estende-se aos “efeitos tipográficos, poéticos, retóricos e ideológicos do suporte sobre o qual [o texto machadiano] se forma e ao qual se conforma” (GRANJA, 2018, p. 89).

Valdiney Castro, por sua vez, ao investigar particularmente o percurso dos contos machadianos, dos periódicos aos livros de contos, a partir de fontes primárias — como manuscritos, correspondências e contratos do escritor com os editores, além dos próprios periódicos em que os contos foram publicados pela primeira vez — chama atenção à minúcia com que Machado de Assis realizava a transposição de suas narrativas ficcionais dos jornais para os livros, muitas vezes alterando os textos originais dos contos publicados nos periódicos para que melhor se adaptassem ao novo suporte; e fazendo recomendações bastante detalhadas aos editores quanto à materialidade dos livros, da tipografia às dimensões dos volumes (CASTRO, 2018, p. 120).

Como Valdiney Castro pontua em diversos momentos de sua pesquisa, tais alterações que Machado de Assis efetuou nas narrativas recolhidas dos jornais para seus livros de contos participam tanto de seu empenho “em libertar as narrativas das propostas [editoriais] dos periódicos em que foram [originalmente] lançadas”

(CASTRO, 2018, p. 12), quanto da aguçada atenção do autor sobre a recepção dos leitores de cada suporte (CASTRO, 2018, p. 109). Ao mesmo tempo, as recomendações de Machado aos editores quanto à materialidade de suas coletâneas de contos, somadas aos prefácios, ou “advertências” do autor nesses livros, igualmente demonstram a grande preocupação do escritor “com aquele para quem o texto havia sido produzido.” (CASTRO, 2018, p. 256). Afinal, no contexto em que Machado de Assis produzia sua literatura, o público-leitor variava conforme o suporte em que os textos se inscreviam:

Como o livro era para ser lido durante um tempo maior por um público mais seletivo e custava mais caro, ele passa a ser considerado um patrimônio, como um bem de consumo [...]; já o jornal atendia a outro interesse do público: seu leitor queria conhecer as novidades do dia a dia; daí buscava uma leitura rápida e barata que lhe oferecesse condições de se manter informado sobre as notícias que percorriam as ruas. (CASTRO, 2018, p. 47)

Diante do que até aqui foi exposto, poderíamos nos perguntar se a opinião do jovem Machado em 1859 sobre o “aniquilamento do livro pelo jornal” (ASSIS, 2011a, p. 52) teria se modificado com os anos. Porém, ao focarmos no “Machado contista” pelo prisma da concepção teórica do conto que vimos com Poe (2004), de modo articulado ao desenvolvimento do gênero nos (e com os) periódicos oitocentistas, talvez uma questão mais interessante à reflexão seja esta: estariam as “vantagens” que Machado de Assis inicialmente atribuía aos jornais, sobretudo com a noção de “discussão”, a antecipar o deslocamento do público-leitor para o “centro” de sua produção literária?

Além disso, ao passo que tal deslocamento do leitor para o “centro” da escrita, operado por Machado em seus textos ficcionais, aproxima-se da valorização do efeito de leitura que acompanha a ideia de conto concebida por Poe, a maneira como o escritor brasileiro, desde a sua juventude, demonstrava-se atento às influências dos suportes em relação aos efeitos que um texto exerce sobre o leitor, como em relação à própria circulação (e alcance) da literatura, parece trazer para dentro de seu processo de escrita um questionamento fundamental: quem seriam os leitores ou as leitoras que se almeja impactar com um texto de ficção? Ou, no caso dos contos de Machado de Assis inicialmente impressos em jornais: quais as implicações de se retirarem tais narrativas de seus suportes originais para republicá-las em livros de contos bem-encadernados?

O CONTO NO BRASIL PELAS MÃOS DE MACHADO

Como foi colocado no início deste artigo, a consolidação do conto moderno como um gênero de ficção na literatura brasileira associa-se em grande medida à atuação de Machado de Assis. Afinal, como demonstra Valdiney Castro (2018), além das mais de duzentasⁱ narrativas ficcionais hoje identificadas sob o gênero “conto” que o autor elaborou, a grande maioria originalmente publicada nas folhas da imprensa periódica de sua época — desde 1858, com a publicação de “Três Tesouros Perdidos” em “A Marmota”, até 1907, quando “O Escrivão Coimbra” foi publicado no “Almanaque Garnier” (CASTRO, 2018, p. 107) — falamos de um escritor que organizou e publicou sete coletâneas de “histórias curtas” em vida, de *Contos Fluminenses*, em 1870, a *Relíquias de Casa Velha* em 1906.

A essa intensa atuação de Machado de Assis na publicação de narrativas ficcionais curtas, vincula-se, ainda, o que Hélio de Seixas Guimarães e Vagner Camilo pontuam como “a produção de contos autoconscientes de sua pertença a um tipo de narrativa moderna”, ao passo que, no quadro geral da literatura brasileira oitocentista, o gênero demonstrava um “desenvolvimento relativamente tímido e tardio [...] em comparação com o que se produziu, por exemplo, nos Estados Unidos” (GUIMARÃES e CAMILO, 2020, p. 16-17). Não é à toa, portanto, que em seu conhecido ensaio “Notícia da atual literatura brasileira – Instinto de nacionalidade”, publicado originalmente em março de 1873 — três anos depois de ter lançado o livro *Contos fluminenses*, e meses antes da publicação de sua segunda coletânea de contos, *Histórias da meia-noite* — o próprio Machado de Assis comentaria o seguinte a respeito do gênero:

No gênero dos contos, à maneira de Henri Murger, ou à de Trueba, ou à de Ch. Dickens, que tão diversos são entre si, tem havido tentativas mais ou menos felizes, porém raras, cumprindo citar, entre outros, o nome do Sr. Luís Guimarães Júnior, igualmente folhetinista elegante e jovial. *É gênero difícil, a despeito de sua aparente facilidade, e creio que essa mesma aparência lhe faz mal, afastando-se dele os escritores, e não lhe dando, penso eu, o público toda a atenção de que ele é muitas vezes credor.* (ASSIS, 2011b, p. 20, grifo meu)

Recuperando um dos poucos momentos de que se tem registro em que Machado comenta diretamente sobre o gênero que tanto explorou como ficcionista, a passagem

citada, por um lado, traz à tona uma constatação feita pelo escritor sobre a “rara” presença desse gênero na literatura brasileira, em meados do século dezenove. Por outro lado, o trecho grifado demonstra a consciência de Machado de Assis sobre o conto como um gênero de ficção autônomo, ao indicar uma opinião do autor sobre esse tipo de narrativa.

Aliás, é (no mínimo) curioso que apenas alguns meses depois de ter comentado sobre a dificuldade da escrita de um conto, “a despeito de sua aparente facilidade” (ASSIS, 2011b, p. 20), o mesmo autor anotaria, na “Advertência de M. de A.” que vai por prefácio de seu livro de contos *Histórias da meia-noite*, que as narrativas ali reunidas, sendo “as mais desambiciosas do mundo”, foram “escritas ao correr da pena, sem outra pretensão que não seja a de ocupar alguma sobra do precioso tempo do leitor” (ASSIS, 2012). Seria esse um exemplo da tão conhecida ironia machadiana? É provável que sim, visto que, na mesma “advertência” que acabei de citar, Machado volta a apresentar tais narrativas como merecedoras da atenção do leitor: “não digo com isto que o gênero seja menos digno da atenção dele [leitor], nem que deixe de exigir predicados de observação e de estilo” (ASSIS, 2012).

O reconhecimento das qualidades do conto por Machado de Assis, junto à sua percepção de que o público de literatura da época não costumava enxergar facilmente essas qualidades, são elementos que também se fazem notar nas “Advertência[s] de M. de A.” que introduzem outros de seus livros de contos. Nos casos de *Papéis avulsos* e *Várias Histórias*, por exemplo — lançados respectivamente em 1882 e 1896, como a terceira e a quinta coletâneas de contos de Machado de Assis —, isso se realiza, inclusive, com alusões a reconhecidos contistas da literatura ocidental.

Na “advertência” da quinta coletânea, o livro *Várias Histórias* de 1896, em cuja epígrafe encontra-se uma citação de Diderot que traz a noção de conto como uma forma de “passar o tempo” — frase também citada por Machado de Assis em *Papéis avulsos*, de 1882, e que retoma uma ideia, de certo modo, já expressa em 1873 na já referida apresentação de *Histórias da meia-noite* —, chamam atenção a menção de Edgar Allan Poe e a comparação, permeada de ironia, entre o conto e o romance:

As palavras de Diderot que vão por epígrafe no rosto desta coleção servem de desculpa aos que acharem excessivos tantos contos. É um modo de passar o tempo. Não pretendem sobreviver como os do filósofo. Não são feitos daquela matéria, nem daquele estilo que dão aos de Mérimée o caráter de obras primas, e colocam os de Poe entre os primeiros escritos da América. O

tamanho não é o que faz mal a este gênero de histórias, é naturalmente a qualidade; mas há sempre uma qualidade nos contos, que os torna superiores aos grandes romances, se uns e outros são medíocres: é serem curtos. (ASSIS, 2009, p. 21)

No trecho citado, também salta aos olhos a maneira como, no ano de 1896, momento em que Machado de Assis já havia se consolidado como escritor nos círculos literários da época, o autor continua a se referir com um ar aparentemente desprezioso às próprias narrativas curtas, já anotadas por ele como “desambiciosas” desde a coletânea de 1873. Além disso, ao apresentar o livro *Várias Histórias*, o escritor demonstra, ainda, uma aparente necessidade de fornecer ao público uma “justificativa” para a edição de seu livro — como se nota no comentário do autor sobre a frase da epígrafe servir de “desculpa” aos leitores que “acharem excessivos tantos contos”.

Anos antes da publicação de *Várias Histórias*, na “advertência” de *Papéis avulsos* — livro lançado em 1882 como a terceira coletânea de contos do autor — essa aparente “justificativa” de Machado aos leitores se inscrevia como uma “defesa” do autor sobre a própria seleção de narrativas para o livro. Após afirmar que os escritos ali reunidos, “avulsos” desde o título da obra, seriam “pessoas de uma só família, que a obrigação do pai fez sentar à mesma mesa” (ASSIS, 2011c, p. 37), o autor continua:

Quanto ao gênero deles, não sei que diga que não seja inútil. *O livro está nas mãos do leitor*. Direi somente que se há aqui páginas que parecem meros contos, e outras que não o são, defendo-me das segundas com dizer que os leitores das outras podem achar nelas algum interesse, e das primeiras defendo-me com S. João e Diderot. O evangelista, descrevendo a famosa besta apocalíptica, acrescentava (XVII, 9): ‘E aqui há sentido, que tem sabedoria’. Menos a sabedoria, cubro-me com aquela palavra. Quanto a Diderot, ninguém ignora que ele não só escrevia contos, e alguns deliciosos, mas até aconselhava a um amigo que os escrevesse também. E eis a razão do enciclopedista: é que quando se faz um conto, o espírito fica alegre, o tempo escoá-se, e o conto da vida acaba, sem a gente dar por isso. (ASSIS, 2011c, p. 37, grifo meu)

Como se nota na passagem acima, ao passo que S. João e Diderot são evocados por Machado de Assis para justificar a escolha de textos que “parecem meros contos” entre os “papéis avulsos” que se encontram no livro, a definição do gênero literário a que pertenceriam as narrativas ficcionais ali coligidas foi lançada pelo autor sobre as “mãos do leitor”. Se, por um lado, esse gesto acompanha certo afrouxamento dos contornos do conto como um gênero de ficção na visão de Machado, por outro, trata-se de um movimento alinhado ao que identificamos, em primeiro lugar, como um dos

pilares do conto moderno, tanto sob o ponto de vista teórico fundamentado por Poe, quanto pelo viés do desenvolvimento do gênero na imprensa periódica: a valorização do efeito de leitura — que traz o leitor para o centro do processo de criação literária.

Pelas lentes desse movimento de valorização do efeito de leitura, o tom “despretensioso” com que Machado de Assis se refere às próprias narrativas, as “justificativas” ou “satisfações” que fornece aos leitores e o modo como, aparentemente, entrega suas coletâneas ao livre juízo do público podem ser encarados com desconfiança. Sem falar que, em geral, os próprios prefácios que os autores escreviam em suas obras literárias no século dezenove, entre os quais essas “advertências” de Machado se inserem, não eram tão “confiáveis” — como lembra Valdiney Castro, a partir de um trabalho de Germana Sales:

O que está inscrito nos prefácios [oitocentistas] é a interlocução do autor para com o leitor e a crítica [...]. Os prosadores brasileiros do século XIX apresentam sempre um discurso cerimonioso com saudações eloquentes ao leitor objetivando atrair admiradores para embarcar na leitura. As falas proferidas ao público preservam uma forma persuasiva e convincente *objetivando influenciar e encaminhar os leitores*. A suposta ausência de vaidade e a aparente simplicidade são comuns em grande parte dos prefácios. (SALES, 2003, p. 91 apud CASTRO, 2018, p. 117-118, grifo meu)

Nesse sentido, junto às considerações de Valdiney Castro sobre as “advertências” com as quais Machado de Assis apresenta ao público suas coletâneas de contos, como indícios da alta preocupação do escritor com o público-leitor de cada suporte (CASTRO, 2018, p. 256), recupero as discussões realizadas no curso ministrado pela professora Andréa Werkema, a que me referi no início do presente trabalho, para pensar sobre essas “advertências” como um dos artifícios que Machado utiliza para conduzir ou controlar a leitura de seus livros de contos, justamente, sendo o “conto” esse gênero em que, como vimos, o “efeito de leitura” tem uma importância crucial (cf. WERKEMA, 2021).

Agora, se retomarmos as ideias expressas em 1859 pelo jovem Machado, em “O jornal e o livro” e “A reforma pelo jornal”, outras questões podem ser colocadas: com essas “advertências” que abrem suas coletâneas de contos ao público, estaria o autor a deslocar para o livro a “discussão” que percebia (e valorizava) em sua juventude, com tanto entusiasmo, entre as “revolucionárias” vantagens da imprensa-jornal? E quais seriam os impactos desse deslocamento na maneira como o conto se configurou como

um gênero de ficção na literatura brasileira?

Com efeito, se na leitura de um conto, de acordo com Poe, a alma do leitor deve estar nas mãos do contista (POE, 2004, p. 4), a atenção minuciosa com que Machado de Assis preparava seus livros de contos ao público de seu tempo — dos aspectos formais e materiais dos volumes, até as “advertências” que introduzem as obras, direcionando a leitura, ao mesmo tempo que, nelas, o autor parece entregar esses livros às “mãos dos leitores” com quem dialoga — capturava o leitor brasileiro oitocentista desde a primeira frase de cada “prefácio”, ou mesmo antes disso: desde a encadernação, capa e tipografia.

Posto que “não havia, antes das narrativas breves machadianas, uma consolidação do conto em nossas letras” (CASTRO, 2018, p. 253) e Machado de Assis, com suas coletâneas de histórias curtas cuidadosamente pensadas — e muito bem recebidas pela crítica literária de seu tempo e território (CASTRO, 2018, 255-256) — contribuiu para “consagrar” o gênero conto na literatura brasileira, vale refletir se, ao fazê-lo, teria o escritor brasileiro inserido no âmago do veículo-livro — aquele “patrimônio” e “bem de consumo” da elite brasileira oitocentista — o embrião revolucionário da “tribuna comum”, ou o “espírito moderno” que, aos vinte anos de idade, vislumbrou no jornal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi demonstrado ao longo deste artigo, Machado de Assis contribuiu largamente para o desenvolvimento e a consolidação do conto moderno em nossa literatura, tanto em função de sua intensa produção de narrativas ficcionais curtas para os periódicos oitocentistas, quanto na forma como o escritor organizou suas sete coletâneas de contos em livros. Ao mesmo tempo, ao investigarmos tal contribuição com foco na relação entre os textos literários e seus suportes materiais — o jornal e o livro — de modo a considerar, inclusive (e, talvez, principalmente), a visão do jovem Machado acerca desses suportes, nas duas crônicas de 1859 analisadas, percebe-se que a questão estudada no artigo está longe de restringir-se ao problema particular de um gênero literário.

Afinal, se, por um lado, a própria concepção de conto elaborada por Edgar Allan

Poe, bem como as reflexões sobre o desenvolvimento do gênero nas folhas da imprensa periódica, acompanham um movimento mais amplo, que traz o leitor para dentro — e para o centro — da criação literária, extrapolando os limites disciplinares de nosso campo de estudos, por outro lado, enxugando-se o tom inflamado das crônicas referidas, a associação feita por Machado de Assis, aos vinte anos de idade, entre o aspecto “revolucionário” da imprensa periódica sobre os materiais literários e a noção de “discussão”, atribuída aos jornais, faz emergirem, nos berços oitocentistas do que convencionalmente se reconhece como “literatura brasileira”, inquietações que, ainda hoje, permeiam muitos de nossos estudos sobre as Letras modernas: a quem se destinam os textos de ficção produzidos? De que modo os veículos pelos quais a literatura circula influenciam nas configurações dos materiais literários? O que ocorre com nossas pesquisas sobre literatura quando esta é pensada de modo atrelado aos suportes pelos quais se materializa?

Assim, mais do que enumerar conclusões enrijecidas, finalizo este artigo com um convite a que revisitemos nossos objetos de estudo, os textos literários, desde os corpos vivificados em que materialmente circulam. Afinal, seja no âmbito dos estudos sobre o gênero conto, seja em pesquisas voltadas ao “Machado contista”, ou mesmo nas investigações sobre a literatura brasileira oitocentista, as reflexões aqui levantadas expuseram a relevância de uma revisitação de tal tipo, abrindo caminhos fecundos a novas discussões acerca dos modos (e meios) de produção e propagação de literatura, que tenham em vista a decisiva influência dos suportes sobre os materiais literários.

Referências

ASSIS, Machado de. O jornal e o livro. *In: O jornal e o livro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011a, p. 44-53.

ASSIS, Machado de. A Reforma pelo Jornal. *In: LEITE, Aluizio et al. (org.). Obra Completa de Machado de Assis*. Vol. 3. São Paulo: Nova Aguilar, 2015, p. 1017-1019. Disponível em <http://machado.mec.gov.br> Acesso em: 06 maio 2022.

ASSIS, Machado de. Notícia da atual literatura brasileira – Instinto de nacionalidade. *In: O jornal e o livro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011b, p. 13-26.

ASSIS, Machado de. *Histórias da Meia-Noite*. [Edição eletrônica] Introdução e notas de Marta de Senna. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2012. Disponível em: http://www.machadodeassis.net/hiperTx_romances/obras/historiasdameianoite.html
Acesso em: 06 maio 2022.

ASSIS, Machado de. *Várias Histórias*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

ASSIS, Machado de. *Papéis Avulsos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011c.

BELLIN, Greicy Pinto. Edgar Allan Poe e o surgimento do conto enquanto gênero de ficção. *Anuário de Literatura*. Vol. 16, N. 2, p. 41-53, Paraná, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/21757917.2011v16n2p41/19809> Acesso em: 06 maio 2022.

CASTRO, Valdiney Valente Lobato de. *Entre críticas e aplausos: os caminhos da consagração dos contos machadianos*. 2018. 350 p. Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018. Disponível em: http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/10336/1/Tese_CriticasAplausosCaminho.pdf Acesso em: 06 maio 2022.

CORTÁZAR, Julio. *Valise de cronópio*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

GOTLIB, Nádia Batella. *Teoria do conto*. São Paulo: Ática, 1998.

GRANJA, Lúcia. *Machado de Assis – antes do livro, o jornal: suporte, mídia e ficção*. [Edição eletrônica]. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2018. 123 p.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas e CAMILO, Vagner. Introdução ao conto romântico. In: (org.) *O sino e o relógio: uma antologia do conto romântico brasileiro*. São Paulo: Carambaia, 2020.

LIMA SOBRINHO, Barbosa. Os precursores do conto no Brasil. (Introdução). In: (org.). *Os precursores [...]*. Panorama do conto brasileiro. Vol. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960. p. 1-25.

POE, Edgar Allan. Resenhas sobre Twice-Told Tales, de Nathaniel Hawthorne. Tradução de Charles Kiefer. *Bestiário*. Vol. 1, N. 6, Porto Alegre, 2004. Disponível em: http://www.bestiario.com.br/6_arquivos/resenhas_poe.html Acesso em: 06 maio 2022.

SALES, Germana Maria Araújo. *Palavra e sedução: uma leitura dos prefácios oitocentistas (1826-1881)*. 2003. 387 p. Tese (doutorado) – Departamento de Teoria Literária, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, Campinas, 2003. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/270043>. Acesso em: 06 maio 2022.

WERKEMA, Andréa Sirihal. Machado de Assis romancista e contista: um trabalho de consolidação de gêneros. In: GRANJA, Lúcia; CANO, Jefferson (org.). *Machado de Assis, quanto falta para 200?*. Terceira Jornada de Estudos Machadianos do Grupo de

Pesquisa CNPq ‘Ficção de Machado de Assis: Sistema Poético e Contexto’. Mesa redonda 3. Campinas: UNICAMP, 2021. (Comunicação oral). Disponível em: <https://youtu.be/IKM13cEtqXc?t=2600> Acesso em: 06 maio 2022.

Recebido em: 29/05/2022

Aceito em: 05/10/2022